

EDITORIAL

VINTE E CINCO anos de publicação ininterrupta completa neste volume a Revista Educação e Filosofia, ao pôr à luz os números 49 e 50. Data memorável para um periódico brasileiro, porque desafia a sucessão de gerações e dá continuidade a um processo de longa duração de divulgação do conhecimento científico.

Mas nem só de verbas vive um periódico! Muitos têm sido os desafios enfrentados por Educação e Filosofia em seu percurso institucional. Hoje não pertencemos mais a dois Departamentos, mas a uma Faculdade (de Educação) e a um Instituto (de Filosofia) e estamos vinculados aos respectivos programas de pós-graduação. Isso significa que a Revista se moveu em meio a um processo de marcantes transformações institucionais e acompanhou o forte processo de expansão física e acadêmica, no qual se engajou a Universidade Federal de Uberlândia no início do século XXI.

A Revista também se duplicou, tanto na espessura dos volumes quanto no tocante ao formato de divulgação. Exibe agora não apenas seu formato impresso, mas também sua versão no Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Muitos esforços do Conselho Editorial foram consumidos nessa tarefa de migração. Primeiramente, teve o Regimento Interno que ser revisto e atualizado, para se adequar à nova situação. Depois, os procedimentos também tiveram de ser alvo de reexame, uma vez que o número de contribuição dos autores, que nos enviam trabalhos para avaliação, cresceu exponencialmente, exigindo a ampliação do Conselho Consultivo e a agilização dos trâmites internos e externos. Por fim, foi necessária uma decidida resistência lúcida do Conselho Editorial para manter em paralelo a existência dos dois formatos, impresso e eletrônico, uma vez que entendeu o Conselho – e hoje ainda assim se posiciona – que conquanto o formato eletrônico democratize o acesso ao periódico, o formato impresso assegura a política de permutas e a alocação de cada exemplar em importantes bibliotecas nacionais e estrangeiras, preservando qualitativamente a memória de Educação e Filosofia. Portanto, são duas formas de coexistência que não conflitam, mas

que se auxiliam mutuamente. Prova de nosso empenho nas duas frentes é o número expressivo de permutas mediadas por Educação e Filosofia e o fato de, em 2010, termos posto todos os números de Educação e Filosofia, desde a sua fundação, à disposição do público em formato eletrônico.

Durante quase todo o seu processo de desenvolvimento, a Revista recebeu o apoio da Editora da UFU (EDUFU), que foi decisivo para que ela crescesse e se consolidasse. Hoje, além desse apoio histórico, a Revista Educação e Filosofia também é editada com o selo da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), auferido pelo edital de apoio à publicação de periódicos científicos. Isso muito nos tem auxiliado nos últimos anos, porque possibilitou que a Revista tivesse acesso a novas possibilidades de edição e impressão. Esse fato também revestiu-se de grande importância institucional, uma vez que a Revista conseguiu agilizar os procedimentos editoriais, melhorar sua qualidade gráfica, e não somente manter sua periodicidade, como ainda publicar os números de cada volume dentro do respectivo ano de referência. Por isso, fica aqui registrado, nesse Editorial, nosso expresso agradecimento a EDUFU e a FAPEMIG pelo apoio recebido pela Revista Educação e Filosofia.

Por fim, vale ainda ressaltar a indexação da Revista Educação e Filosofia em nove repertórios, sete internacionais e dois nacionais, o que mostra a sua penetração qualitativa na esfera cosmopolita da investigação científica, reconhecida e avaliada por pares. Igualmente importante é a posição atual da Revista Educação e Filosofia no índice *Qualis*, promovido pela CAPES. A Revista alcançou os conceitos A2 na área de Educação e B1 na área de Filosofia, o que, comparativamente, se nos ativermos à classificação dos periódicos nas respectivas áreas, equipara Educação e Filosofia às melhores publicações acadêmicas do País.

Feito um pouco da memória da Revista Educação e Filosofia, para podermos cumprimentá-la reconhecidamente nesse jubileu, passemos então à apresentação do número atual, que fecha o volume 25 referente ao ano de 2011.

Neste Número 50 de *Educação & Filosofia* temos novamente uma entrevista, sete artigos de Educação, um dossiê com quatro artigos de Filosofia, dois artigos de Filosofia, duas traduções e duas resenhas, um de um livro de Filosofia e outra de Educação.

A entrevista especial deste número é com o Professor Thomas M. Robinson, feita pelo Professor Dennys Garcia Xavier do Instituto de Filosofia da UFU. Thomas M. Robinson se destaca no cenário mundial pelos seus trabalhos de Filosofia Antiga, especialmente a respeito da alma em Platão. Recentemente, seu livro *As origens da Alma* foi editado no Brasil pela Annablume em 2010. Em sua entrevista, Thomas M. Robinson nos aponta aspectos importantes de sua formação, no estudo da Filosofia Antiga e em seu ensino, especialmente sua experiência recente em programas de televisão. Com esta entrevista, nossa revista reforça sua prática na publicação de entrevistas com eminentes pesquisadores. Lembramos aos nossos leitores que, além desta entrevista, outras duas já foram publicadas. A entrevista do Professor Valério Rohden, concedida ao Professor Marcos Cesar Seneda, do Instituto de Filosofia da UFU, foi publicada no volume 13, número 25, de 1999, e a entrevista do Professor Giovanni Reale, concedida ao Professor Dennys Garcia Xavier, desse mesmo Instituto, foi publicada no volume 20, número 40, de 2006. Estas entrevistas permitem a nossos leitores um contato mais direto com estes importantes pesquisadores, revelando-nos não somente suas atividades de pesquisa como também suas observações pessoais referentes à Filosofia e ao seu estudo.

A respeito dos artigos, em seu trabalho *Elementos constituintes e constituidores da formação continuada de professores: contribuições da Teoria da Atividade*, as autoras Andréa Maturano Longarezi e Patrícia Lopes Jorge Franco sistematizam os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Atividade de Leontiev, destacando os elementos constituintes e constituidores da formação continuada de professores.

No artigo *Contribuições da cultura, imaginação e arte para a formação docente*, Célia Maria de Castro, Marcel Mano e Sueli Ferreira compreendem o currículo escolar como artefato sociocultural e inferem que as diferentes práticas culturais vivenciadas pelos professores fora da escola também constituem os saberes docentes.

No artigo *Fundamentos orientadores para as políticas públicas da Educação Física no Regime Militar (1964-1985)*, Washington Luiz de Carvalho e Humberto Aparecido de Oliveira Guido discutem a inserção da Educação Física Esportiva (EFE) nos ordenamentos governamentais, enfocando o modelo cibernético e os investimentos governamentais.

No artigo *Indústria cultural e semi formação: a atualidade da educação após Auschwitz*, Antônio Álvaro Zuim argumenta que as considerações de Theodor W. Adorno, sobre a possibilidade de reincidência da barbárie de Auschwitz, devem ser revitalizadas, devido ao atual desenvolvimento tecnológico da indústria cultural que propicia um retorno da barbárie.

No artigo *O imaginário trágico de Ricardo Reis: uma educação para a indiferença*, Rogério de Almeida discute o imaginário trágico presente na obra de Ricardo Reis a partir de sua inserção na filosofia estoica e epicurista, seu paganismo e a educação para a indiferença, tendo como objetivo compreender como a recorrência de imagens ligadas à brevidade da vida, à morte e ao destino, que configuram seu imaginário trágico.

No artigo *Narradores de Javé e a pesquisa em Educação*, Cristiane Ludwig problematiza a absolutização da subjetividade moderna na produção do conhecimento e suas implicações na formação de professores, utilizando, para isso, a narrativa, *Narradores de Javé*, por intermédio da abordagem hermenêutico-reconstrutiva, como exercício do reconhecimento do saber da alteridade.

O artigo *Modelos de escolarización: trayectoria histórica de la educación especial*, de Teresa González Pérez, nos apresenta o itinerário legislativo do sistema educacional espanhol que segrega alunos no cotidiano escolar. Segundo a autora, a Ley de Ordenación General del Sistema Educativo (LOGSE) pretende incluir todos os membros independentemente de suas peculiaridades.

No artigo *Naming and Affect. Ontological Function of Ideology in the School of Essex's Discourse Theory*, Rafal Smoczynski mapeia a função ontológica da ideologia no discurso teórico elaborado pela *School of Essex*, reconstruindo o papel da interpelação ideológica em seu argumento e demonstrando que a performatividade ideológica enquanto agente isolado não dá consistência ontológica ao sujeito e ao objeto.

No artigo *Paradoxos, o infinito e a intuição geométrica*, Carlos Gustavo González analisa o papel que o conceito de infinito e os princípios como “o todo é maior que a parte” têm nos paradoxos de Galielu, de Tarski-Banach e Cantor, e a influência que intuições geométricas têm em alguns paradoxos, para nos mostrar as causas de se conceber estes paradoxos como contraintuitivos.

Neste número, publicamos também o Dossiê, apresentado por Anselmo Tadeu Ferreira, contendo os trabalhos do II Colóquio de Ontologia e Metafísica, que teve como tema *Física e Metafísica no pensamento antigo e medieval*, realizado pelo Departamento de Filosofia da UFU entre os dias 16 a 19 de novembro de 2010. Da colaboração destes pesquisadores resultaram quatro textos.

O texto de Fernando Rodrigues, *A interrelação estrutural entre alguns livros da Metafísica*. Ele parte da ideia de que a *Metafísica* de Aristóteles não se constitui como um todo coeso, sendo ao contrário uma justaposição de partes às vezes dificilmente conciliáveis. O autor procura defender uma posição tópica, qual seja a de que o livro Λ compõe um todo argumentativo que segue do livro Γ e que o grupo $Z\epsilon\Theta$ seria um desenvolvimento de uma parte de Λ .

Anselmo Ferreira, em *A estrutura da lógica segundo Tomás de Aquino*, nos mostra que o autor medieval traça um panorama da lógica como ciência e defende uma opinião segundo a qual a estrutura da lógica aristotélica, tal como organizada no *corpus*, corresponde a uma estrutura do espírito humano, em que cada operação corresponderia a uma parte da lógica e teria sido tratada no *Organon* de Aristóteles.

Francisco Bertelloni, em *La filosofía explica la revelación - Sobre el averroísmo político en el Defensor Pacis de Marsilio de Padua*, considera que a denominação “averroísmo político”, aplicada ao pensamento de Marsílio de Pádua, está hoje em dia em descrédito, uma vez que este autor não advoga para si a influência de Averroes. Não obstante, o autor justifica tal interpretação, pois Marsílio procura explicar em bases racionais os dados da revelação.

A distinção entre o poder ordenado e o poder absoluto de Deus é uma estratégia também utilizada por Guilherme de Ockham, autor cujo pensamento é analisado no texto *O Problema da Causa Finalis* em Ockham, de Alfredo Culleton. O autor examina a indagação de Ockham a respeito da diversidade entre a causa final e a causa eficiente, na qual ele afirma que não pode ser evidentemente conhecido que agentes que agem por necessidade natural tenham uma finalidade preestabelecida pela vontade.

Neste número são apresentadas ainda duas resenhas. Kássia Nunes da Silva resenha o livro de Maria Stela Santos Graciani, *Pedagogia social*

de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida, publicado pela editora Cortex, em 2005. A segunda resenha, de Marcos César Seneda, nos apresenta o livro *A natureza da inteligência no tomismo e na filosofia de Hume*, de Luciano José Cabral Duarte, editado, em 2003, pela J. Andrade de Aracajú.

Por último, temos duas traduções feitas por Bento Itamar Borges. A primeira tradução é a do texto de Wolfgang Sander, *Formação e perspectiva: Controvertibilidade e proibição de doutrinação como componentes básicos da formação e da ciência*. A segunda tradução é a do comentário sobre esse texto de Wolfgang Sander, denominado *Controvertibilidade sem controvérsia?*, feita por Marcelo Dascal.

Marcos César Seneda
Wagner de Mello Elias
Conselho Editorial da Revista Educação e Filosofia